

O BEM-ESTAR DO OPERARIADO

O sr. J. M. que não temos o prazer de conhecer, mas que nos parece pessoa inteligente e bem intencionada, vem publicando no *Comércio do Porto* uma série de artigos interessantes acerca do bem-estar do operariado.

Discordamos dos princípios que norteiam o articulista. Ele pretende algumas reformas que, sem destruir as bases capitalistas em que a sociedade assenta, tragam ao operariado português benefícios que os trabalhadores dos países mais adiantados da Europa já gozam há muito tempo. Nós desejamos que o operariado conquiste pelo seu próprio esforço tudo quanto merece, desde as boas condições económicas, à escrupulosa higiene e à educação espiritual, destruindo a base capitalista da sociedade e substituindo-a pelo sistema sindicalista.

Entretanto, o modo de ver do sr. J. M., não sendo concorde com o nosso, é pelo menos simpático e indica que o articulista vê com clareza que boas obras educativas o actual regime poderia levar a cabo, em vez de ser dirigido por políticos ignorantes, quase tão analfabetos como o povo, fosse orientado por pessoas honestas e inteligentes que tivessem a noção exacta das necessidades da época em que vivemos.

Não somos dos que pensam que só a Revolução Emancipadora, que desejamos, seria capaz de dar tal impulso à instrução que extinguisse de vez o analfabetismo pavoroso deste país. Nações há, ainda regidas por princípios monárquicos, onde o analfabetismo não existe.

De facto, ao Estado, que tanto dinheiro, esbanja em ninharias, competiria distrair uma boa parte das suas receitas para a instrução popular.

As escolas estão caindo aos pedaços pela província, aos professores não se paga a tempo e horas, os senhores não recebem as rendas e arremessam à rua as carteiras, as ardósias, os alunos e os professores. Realmente este estado de coisas não pode continuar. São necessárias muitas vozes como as do sr. J. M. para, num círculo de protestos, forçar o Estado a cumprir o seu dever.

Porém, não estamos com o sr. J. M. nas vagas alusões aos maus orientadores do proletariado, e não estamos de acordo porque sabemos que ao referir-se a esses orientadores pretende atingir-nos, como que a responsabilizar-nos pelo agravamento do povo trabalhador.

Todas as honestas iniciativas de instrução e de educação têm sido acolhidas com júbilo por parte dos chamados orientadores do operariado. Em muitos sindicatos, mesmo nos de orientação mais revolucionária, mantêm-se com sacrifício algumas escolas e se mais não há, esse facto se deve à escassez de recursos com que os operários lutam.

A *Batalha* segue, anima, incita todos os que se apresentam com um plano, um projecto, uma ideia que possam beneficiar espiritualmente o povo trabalhador.

Também o sr. J. M. se referiu ao facto de, por vezes, os pais se recusarem a enviar os seus filhos à escola. Efectivamente acontece haver pais que assim procedem, mas em regra contrariados. As horríveis condições económicas em que vivem é que os impelem, por vezes, a roubar os seus filhos à escola para metê-los na oficina a fim de ajudarem com o seu miserável salário a custear as despesas do lar.

Crie-se aos operários uma situação económica desafogada e elos enviarão com alegria os seus filhos para os lugares onde recebam instrução. A sabedoria dos filhos é o orgulho dos pais — e não há pai que no fundo do coração não alimente a vaga esperança de ver um dia a seu filho sábio.

O caso da água do Andaluz

Num grande comício ontem realizado o povo protestou contra os manejos que virão extorquir ao público o que legitimamente lhe pertence

Tem apaixonado a opinião pública o conflito estabelecido à volta da conhecida bica de água do largo de Andaluz, caso em que manejos ocultos procuram privar o público do uso daquele manancial a que são atribuídas curas de várias doenças.

Quasi toda a imprensa se tem referido ao assunto; alguns jornais defendendo a pretensão do público que afirma não dispensar os benefícios que a fonte lhes proporciona, havendo outros que, por outro lado, entendem que o público não tem razão. Dos que são pelo desvio da água tem-se destacado um matutino a que já se atribuem incompreensões tomadas para uma campanha favorável a uma conhecida empresa de águas minerais que se sente prejudicada nos seus créditos e interesses. Dos dois partidos formados têm surgido já pretensas análogas químicas, entre si contraditórias; pois, enquanto uns afirmam que as águas estão inquinadas, outros garantem que elas contêm as melhores qualidades terapêuticas, tudo dando a entender que a razão assiste, em absoluto a estes últimos, entre os quais se encontra um médico analista, o dr. Conceição e Silva.

Nós, pelas queixas que nos têm apresentado alguns dos interessados e ainda porque estamos habituados a ver que a saúde pública não merece o carinho que, neste caso da água do Andaluz se finge dar-lhe, temos a convicção de que, de facto, há grande neogacia na força.

A saúde pública... Mas então, como se explica que dando-se aquelas águas como inquinadas e impróprias para o consumo, se permite que toda a população da capital esteja sujeita a um mau abastecimento deste líquido, não só pela escassez constante, como pelo pouco aceio resultante de descuidos com os reservatórios e as canalizações?

Neste caso, decerto, não há iniquidade, mas maquinaria no sentido de cercar ao público o direito de ingerir uma água que tendo boas propriedades lhe é acessível, para que ele deponha a adquirir espalhafatosamente engarrafada e bem paga.

O público que não está disposto a deixar esbuhlar, manifestou-se ontem exuberantemente, realizando um grande comício em que perto de vinte oradores escalpelaram rudemente os poderes constituidos e a Câmara Municipal, que em muito pouca conta têm os interesses dos municípios a quem só conhecem para a sobrecarga de contribuições.

Nesse comício fez-se representar também a Câmara Sindical do Trabalho que só o assunto expôs os seus pontos de vista, fazendo sentir ao povo que a sua defesa contra os monopólios não pode ser confiada a entidades que têm afinidades com a casta exploradora, e que só pela sua acção o povo conseguirá o respeito dos seus direitos. Por fim, o comício aprovou a seguinte moção apresentada por David da Silva:

Considerando que a fonte de Andaluz é pertença pública há centenas de anos; que até agora não há conhecimento de qualquer doença resultante da mesma água, e que é bebida por milhares de pessoas; que só por maldade ou interesse, se quer privar o público desta regalia; que várias análises se têm feito a esta água, e todas elas dão a mesma como própria para consumo, e até com propriedades especiais para diversos sofrimentos; que a Câmara Municipal compete zelar pelas regalias e melhoramentos dos seus municípios; Esta Assembleia resolve: 1.º Lavrar o seu mais veemente protesto contra a campanha encetada contra a mesma água; 2.º Representar à Câmara Municipal para ela cuidar da conservação desta fonte, no sentido de fazer uma causa digna da cidade, mandando ajardinar o largo de Andaluz, colocando ao centro do largo a bica da água; 3.º No caso de serem encontradas quaisquer impurezas nas análises que se estão efectuando, se peça à Câmara para beneficiar a canalização, e mandar fazer a limpeza do pôço onde ela nasce; 4.º Que seja nomeada uma comissão de vigilância, no sentido de, por todos os meios ao seu alcance, impedir que o público fique privado desta fonte.

Foi nomeada uma comissão encarregada de elaborar uma representação a levar, na segunda-feira, às 15 horas, à Câmara Municipal, comissão que será acompanhada pelo povo interessado nesta questão.

Oxalá que a acção directa popular consiga, pelo menos, estragar qualquer artimanha urdida na suposição de que a morte é já absoluta e à vontade se pode trucidar, vendendo ou dando aquilo que é pertença comum.

A guerra de Marrocos

Abd-el-Krim repele as hipócritas condições de paz franco-espanholas

PARIS, 14.—Painlevé declarou aos jornalistas as condições de paz que a França e a Espanha ofereceram aos riachos e cujas cláusulas principais são o reconhecimento da autonomia política, administrativa e económica das tribus do Rif, e de Dejebalas que deverão por sua vez reconhecer a soberania do Sultão.

Até agora todos os emissários de Abd-el-Krim foram unâmes em reconhecer que o seu chefe punha como questão prévia de quaisquer negociações o reconhecimento puro e simples da independência do Rif, o que Painlevé considera contrário aos acordos internacionais. Painlevé dá a escolher aos riachos entre a paz, como é que a propõe, ou a guerra.

Um conflito em Xangai

XANGAI, 14.—Durante o dia de ontem algumas centenas de chineses atacaram os escritórios da Leamen's Union, partindo portas, janelas e mobiliário. A polícia chinesa fez uma intervenção violenta.

Colisão entre polícias e comunistas PARIS, 14.—Deu-se uma colisão entre a polícia e um grupo de comunistas, tendo ficado morto um comunista.

A BATALHA



DEP. LEO.

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA

Editor: CARLOS MARIA COELHO

Proprietário da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

Assinatura: Incluindo o suplemento semanal.
Lisboa, mês 0300 Província, 6 meses 2000 Estrangeiros,
6 meses 10000

Notas & Comentários

Incoerências

Neste momento ento que uma questão de certa gravidade se está derimindo entre Portugal e Espanha, e quando os governos dos dois países afirmam, nas notas diplomáticas que trocam, intenções amistosas e cordeiradas comovedoras, os patriotas portugueses comemoram a remota batalha de Aljubarrota e erguem hinos de glória a um homem—Nun' Álvarez—que odiam religiosamente os espanhóis. Recordar neste momento essas glórias sangrentas, essas sublimes atrocidades que se perderam na noite dos tempos é reacender uma chama de ódio e malquerença entre dois povos que, se noutras épocas e nouras circunstâncias, estavam desavinhos, hoje têm necessidade absoluta de se entender e conhecer para glória da humanidade que só poderá progredir num ambiente de paz e de cordialidade.

Pledora cristã

Continuam as Novidades a preocupar-se com a sorte da C. G. T. Vê-se, sem grande esforço, que esta preocupação do órgão católico obedece a um sentimento piedoso e cristão absolutamente respeitável. Estamos comovidos. Mais uma vez se prova que os católicos são dum gênero a tódã a prova e que não pensam senão no bem-estar dos seus inimigos. E nós, herejes e ingratins, que temos pactos secretos com o Demônio, nem pensamos senão em pôr a descoberto os crimes dos padres que, dizendo-se perfeitos e inspirados em Deus, vivem tranquilamente atascados nos pecados da gula e da luxúria.

Barbaridades!

Aqui na redacção, a par de momentos angustiosos também se passam, uma vez por outra, instantes alegres. A leitura da correspondência que dia a dia nos chega, versando os assuntos mais diversos, desde os tristes casos de miséria e de injustiça social aos altivres disparatados, emociona, por um lado, e diverte, por outro.

Ontem escrevemos um doido original protestando que não sabemos bem contra que inimigo, pois ele não soube explicar-se. Porém, se a explicação das suas pretensões foi escassa, abundante foi, sim, a soma de adjetivos e frases originais com que encerrava os «linguados» de papel.

Como não somos egoístas e não desejamos, portanto, reservar só para nós o prazer de tão agradável como substancial leitura aqui deixamos para o leitor algumas frases mais apetitosas.

Diz o bizarro correspondente referindo-se ao tal inimigo:

«Esse bandido, rapinante, atroz, delinquente, abracadabrante, nato, miserável, selvático, chacal, subornante, original, não trabalha...»

Mais adiante diz o homem indignado: «Pensa qualquer cadáver analfabeto em difamar um homem culto...»

Os leitores estão vendo este cadáver que pensa e é analfabeto... Mas, para encantar razões, o furioso articulista remata com esta frase profunda:

«Por consequência o dilema duma nação ardente—porque um povo sem cultura pouco dura—indigna os literatos.

Evidentemente. Ou a lógica é uma batata...

Kemal Pachá divorcia-se

STAMBUL, 14.—O conselho de ministros publicou uma nota oficial anunciando o divórcio do presidente Mustafá Kemal Pachá e de Latife Hanoum, uma das mais modernizadas e lindas mulheres turcas. O divórcio foi realizado de comum acordo.

Latife Hanoum foi a primeira mulher turca que se deixou fotografar por iniciativa própria e com o apoio de Kemal Pachá.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas manifestações diárias, o sexo feminino dá provas de qualidades de luta não inferiores às dos seus camaradas do sexo masculino.

As mulheres que desde 1917, se interessavam dia a dia pelas organizações sindicais, lançam-se resolutamente na batalha. Nos «meetings» nas

EM PONTE DE SÓR Uma cobarde agressão ordenada por agentes da União dos Interesses Económicos

Em Ponte de Sôr conseguem predominar devido ao seu dinheiro, adquirido à custa da exploração do próximo, uns agentes da União dos Interesses Económicos. Esses indivíduos cuja inteligência corre paralelas com a sua tolerância, resolvem declarar à organização operária daquela vila uma guerra de exterminio. Pela chata estreiteza das caixas crâneos passou a ideia estúpida de que os trabalhadores não tinham direito de estar agrupados em sindicatos para defender os seus legítimos interesses. Menos ainda podem suportar os aludidos agentes da União dos Interesses Económicos que naqueles sindicatos se efectuem sessões de propaganda em que tomem parte militantes operários estranhos à localidade.

Não são esses agentes adversários leais ou sequer criaturas escrupulosas. Para a consecução dos seus designios não se detêm todos os meios lhes servem. Há muito que esses indivíduos andam premeditando um massacre de trabalhadores rurais, tendo feito várias tentativas junto da guarda republicana, embriagando destacamentos e incitando-se depois à prática das piores violências. Têm-se também servido de indivíduos sem escrúpulos a quem compram para fazer provocações e promover desordens.

O operário do mobiliário de Ponte de Sôr, António Fresco caiu no desagrado dos referidos agentes, desagradado que se converteu em ódio depois que lá se realizou a sessão de propaganda contra a guerra. No dia 9 do mês corrente esse operário foi assaltado por dois indivíduos que o amordaçaram e agrediram fazendo-lhe seis ferimentos na cabeça e várias contusões nos olhos.

Há pessoas que afirmam terem sido os agressores Joaquim Campino, criado de Félix Izquierdo Presedo e Artur Castro Barquinha. Estes indivíduos que foram subornados para tal fim, antes de praticarem a agressão chegaram, a assaltar outra pessoa, por engano.

Tais são os processos empregados pelos agentes da U. I. E. para destruir a organização de Ponte de Sôr. Mas, estamos convencidos que ela se não acovardará perante o instinto criminoso de alguns cobardes, a-pesar do dinheiro de que elas dispõem.

Uma comissão delegada da Federação da Construção Civil avistou-se ontem com o secretário do ministro do Interior expondo-lhe o que se está passando em Ponte de Sôr em matéria de perseguições à classe operária, levadas à prática pelo indivíduo que interinamente está ocupando o cargo de administrador do Concelho.

O secretário declarou que ia transmitir o assunto ao ministro estando convencido que providências imediatas vão ser tomadas.

A comissão expôs também que devido à efervescência dos ânimos poderá no próximo domingo dar-se um conflito grave por motivo das hostes reacionistas locais pretendendo fazer na praça pública a exibição de mais uma procissão. Em face do exposto o secretário do ministro do Interior garantiu à comissão que ia imediatamente enviar um telegrama proibindo a referida procissão.

Pré condenado à morte

Nos calabouços do governo civil encontra-se, desde sábado passado, Armando Carlos, com uma facada nas costas, não lhe tendo sido feito ainda qualquer tratamento.

Já por três vezes o têm conduzido ao hospital de São José, para ali ser internado por ser grave o seu estado, negando-se o director a recebê-lo, porque não quer-lhe-lo sob a sua responsabilidade.

Ignoramos as razões da recusa do director do hospital, mas por muito poderosas que elas sejam, parece-nos que acima de tudo deveria colocar o respeito que se deve à vida de todo o ser vivente.

E a polícia porque não faz que, por qualquer modo, o preso receba o tratamento de que carece?

Porque separa? Pela morte dele?

SOLIDARIEDADE

Fica adiada, por motivo imprevisto, para o dia 31 do corrente a festa de auxílio à mãe de Manuel Ramos, promovida pela secção profissional dos pedreiros.

A favor de Filipe José da Costa

No Salão de Festas da Construção Civil, realiza-se no domingo, 30 do corrente, às 15 horas, um espetáculo em auxílio da companheira e filhos de Filipe José da Costa. Tomam nela parte: o Grupo Dramático Solidariedade Operária, representando o drama social, em 1 acto, "Bandidos", e o drama, em 1 acto, "Mentira..."; o Grupo Propagadores do Fado, e o Grupo Musical "Os Cravos".

A favor de António Luís

No novo Manicômio de Lisboa foi tirada uma "quette" a favor do cacoerio António Luís, que produziu a quantia de 130\$00.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE Constant-Stolzenwald Travagliani-Ochôa Landau-Bastarrica

Termina dentro de breves dias o grande torneio internacional de luta que está a realizar-se no Coliseu dos Recreios estando já a fazer-se a preparação para a poule final.

Nos combates de hoje tomam parte o célebre campeão belga Constant le Marin contra o colossal alemão Stolzenwald, o notável italiano Travagliani contra o heróico campeão espanhol Ochôa e o forte tchecoslovaco Landau contra o musculoso espanhol Bastarrica.

No programa de variedades figuram a troupe russa Rusckoff com os seus bailados originais e os notáveis artistas Maya e Agar com a sua lenda oriental. A deusa e o fakir que todas as noites é aplaudida.

Como se tratam prêses

Um exemplo mais do desprezo da polícia pelos indivíduos que detêm

Adolfo Joaquim de Sousa, que se encontra na esquadra da Pampulha, esteve sob o regime de incomunicabilidade, durante 49 dias, que há pouco lhe foi levantada.

O motivo desse longo período de incomunicabilidade é o mesmo que para os outros casos.

Adolfo Sousa, conduzido no dia 10 de Junho, às 22 horas, numa "side-car" do comando da polícia, para o Governo Civil, levado à presença do chefe Xavier foi por este agredido, após um breve interrogatório, na presença dos agentes Delgado, Ratil e Otelo.

Com tal fúria o agrediu que o fato lhe ficou ensanguentado, devendo constar no boletim do Governo Civil que esse priso foi ali pensado.

Durante a sua prisão andou passando de automóvel de esquadra para esquadra, até que resolveram conservá-lo naquela onde actualmente está, tendo-lhe também detido por algumas horas várias pessoas de família.

Eis como são respeitadas pelas autoridades as leis que elas têm o dever de fazer cumprir.

O prazo máximo de incomunicabilidade, 48 horas, é a seu belo talante aumentado para um mês, mês e meio, dois meses e mais, como tem acontecido a outros presos.

Da obrigação de restituir à liberdade todo o indivíduo que passados oito dias sobre a sua prisão não tenha culpa formal, já de hui muito se desobrigou por seu livre alvredo.

A Adolfo Joaquim de Sousa, como a tantos outros, ainda não foi formada culpa, e no entanto continua preso.

O dever de respeitar a vida e a saúde dos indivíduos confiados à sua guarda, cumpre a polícia martirizando-os, espancando-os e deixando-os doentes sem tratamento nos calabouços, facto que com Adolfo Joaquim de Sousa também se dá, devido não só aos maus tratos como à desordem moral causada pelo forçado isolamento.

Tais são os processos empregados pelos agentes da U. I. E. para destruir a organização de Ponte de Sôr. Mas, estamos convencidos que ela se não acovardará perante o instinto criminoso de alguns cobardes, a-pesar do dinheiro de que elas dispõem.

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição - Preço 2500, pelo correio 2500
Pedidos à administração de A. BATALHA

Em Monsanto

um priso declara a greve da fome

O posto de Monsanto escreve-nos José Jerônimo da Silva declarando-nos que deliberou declarar a greve da fome pelo facto de ter sido injustamente condenado num tribunal. Essa sua desesperada resolução deve ser de certo motivada por uma grande injustiça.

Pelas cadeias encontram-se sofrendo inquérito e torturado muitos desgraçados que estão inocentes dada a maneira criminosa como a polícia prende e os tribunais condenam. Não encontrará a desesperada resolução do priso de Monsanto eco em nenhuma das entidades que têm o dever de intervir. Se tal não acontecer é provável que dentro em breve tenhamos de registrar mais uma vítima dessas odiosas Bastiñas, dessas sinistras inquisições que são os cárceres da República.

A justiça em Aviz

Três magistrados que desaparecem no dia dum julgamento

Desta designação para o dia 12 do corrente o julgamento do operário Fontes, de Ponte de Sôr. A acusação falsa que sobre o mesmo pesava, e ainda pesa, era a de ter dirigido insultos à guarda republicana no dia do concurso do Erydel.

Daqui se deslocou um dos advogados da C. G. T., o nosso amigo dr. Sobral de Campos, bem como de Ponte de Sôr o arguido e as testemunhas. Chegados, porém, à Aviz, onde devia ter lugar o julgamento, verificou-se que este não podia realizar-se por faltarem juiz e delegado. Procurou-se o juiz substituto, que bem poderia fazer o julgamento visto tratar-se de uma simples polícia correctional, mas, parece-nos que avisado da chegada aquela comarca do rei, testemunhas e advogado, bateu também em retirada... não se efectuando o julgamento por falta de matéria prima...

Ora vejam como tudo isto anda, em assuntos de justiça, por essas comarcas do país...

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracções sem dôr a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em "cauchú". Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

AGREMIAÇÕES VARIAS

Associação dos Inquilinos Lisboenses.—A direcção tomou conhecimento que está legalmente constituída esta associação, encontrando-se os estatutos em distribuição aos sócios que já os pagaram.

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

HOJE A MARAVILHOSA FEERIE

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS EM SCENA 80

A peça de maior aparato na actualidade

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

HOJE A MARAVILHOSA FEERIE

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS EM SCENA 80

A peça de maior aparato na actualidade

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

HOJE A MARAVILHOSA FEERIE

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS EM SCENA 80

A peça de maior aparato na actualidade

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

HOJE A MARAVILHOSA FEERIE

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS EM SCENA 80

A peça de maior aparato na actualidade

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

HOJE A MARAVILHOSA FEERIE

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS EM SCENA 80

A peça de maior aparato na actualidade

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

HOJE A MARAVILHOSA FEERIE

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS EM SCENA 80

A peça de maior aparato na actualidade

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

HOJE A MARAVILHOSA FEERIE

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS EM SCENA 80

A peça de maior aparato na actualidade

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

HOJE A MARAVILHOSA FEERIE

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS EM SCENA 80

A peça de maior aparato na actualidade

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

HOJE A MARAVILHOSA FEERIE

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS EM SCENA 80

A peça de maior aparato na actualidade

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

HOJE A MARAVILHOSA FEERIE

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS EM SCENA 80

A peça de maior aparato na actualidade

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

HOJE A MARAVILHOSA FEERIE

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS EM SCENA 80

A peça de maior aparato na actualidade

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

HOJE A MARAVILHOSA FEERIE

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS EM SCENA 80

A peça de maior aparato na actualidade

ABATLHA

Emigração e mão de obra estrangeira

(Tese a apresentar ao 1.º Congresso Confederal)

A emigração—diz o sr. Moreira Teles—produz-se sempre que o homem trabalhador encontra na sua pátria um meio hostil sufocando as suas aspirações ou reprimindo as suas energias.

Mas ainda quando o emigrante é letrado e especializado em qualquer ramo de produção, bem poderá ser dificuldade vencer abrolhos e romper contra a adversidade. O pior, porém, é que o emigrante português em geral é analfabeto e muitos são os que não dispõem de grandes recursos profissionais.

Não fôr a robusta constituição física dum grande número de emigrantes portugueses para trabalhos braçais pesados, aliás pouco duradouros e mal retribuídos, e a maior parte perceria de miséria e fome.

Pelas restadas de consulados portugueses de vários Estados das duas Américas a uma consulta que lhes foi feita pelo Comissário Geral dos Serviços de Emigração sobre as condições de vida dos imigrantes portugueses verifica-se confirmando-se que a situação de milhares deles é extremamente desoladora, angustiosa e deprimente.

No Brasil existem numerosas famílias sem pai e sem lar. Milhares de imigrantes estão sujeitos às sopas caritativas de seus pais ou de sociedades de beneficência, enquanto que outros esperam ansiosamente o benefício oficial da repatriação gratuita.

Estes emigrantes foram assim experimentar em terra estranha as aguuras idênticas aquelas que já sofriam no seu país natal.

Não temos dados absolutamente alguns quanto à mão de obra dos países da América do Sul para onde se dirige a maior corrente migratória portuguesa. Tal falta terá que ser reparada de futuro para estudos ulteriores. Por enquanto o que sabemos é que da concorrência que entre-si fazem nacionais e estrangeiros, particularmente no

Muitos, talvez centenas, se não mesmo milhares, depois de serem expulsos da sua pátria pela miséria são, pela mesma miséria, expulsos da pátria que um dia pensaram em adoptar para outros países ou para as mortíferas plagas africanas, sujeitos quase sempre a inferiores contratos de trabalho—se é que algum contrato efectivo e permanente chegam a realizar.

Ultimamente instituiu o Estado um «Patronato» para prestar assistência e protecção aos emigrantes, com o concurso dos consulados e sociedades de beneficência—qualquer coisa assim como um escárneo lançado sobre aqueles a quem a sociedade capitalista só concede o direito à vida por engajamento, para os países de Europa muitos mais irão pelas zonas secas, a despeito da vigilância oficial.

Muitos ficam por Espanha mas outros atravessam-na e ingressam na França, onde os ou de onde partem para outros destinos.

Mas é sobretudo em França que eles ficam.

Em 1920 o Comissário Geral dos Servi-

1921 1922 1923
12:927 17:590 14:445

Não nos dão indicação alguma sobre a qualidade dos emigrantes. E' bem de ver, entretanto, que o maior número será de assalariados. Por outro lado há que ter em conta que, se para os países americanos muitos portugueses emigraram por Espanha por engajamento, para os países de Europa muitos mais irão pelas zonas secas, a despeito da vigilância oficial.

Muitos ficam por Espanha mas outros atravessam-na e ingressam na França, onde os ou de onde partem para outros destinos.

Mas é sobretudo em França que eles ficam.

Em 1920 o Comissário Geral dos Servi-

ços de Emigração tornava público, em Editorial, que o Ministério de Trabalho francês reclamava contra a chegada a Espanha de 40 a 50 operários portugueses que diariamente ali se apresentavam indocumentados, sem que tivesse maneira de os colocar a não ser na agricultura, para onde, entretanto, não queriam ir.

E, sem dúvida a esperança de ali encontrar trabalho, talvez nas regiões devastadas pela guerra, que os leva a preferir a França a qualquer outro país tanto mais que a mão de obra é superior à portuguesa.

Mas mesmo sucede, certamente, com os operários de outros países como poderão verificar-se pelo seguinte quadro relativo aos anos de 1923-24, inevitavelmente inferior à totalidade dos imigrantes:

Nacionalidades	1923		1924		Salários de França
	Entrada para a Indústria	Agricultura	Entrada para a Indústria	Agricultura	
Italianos.....	103.013	9.462	83.881	13.666	210.052
Polacos.....	31.447	23.226	23.205	14.783	92.721
Belgas.....	25.107	8.805	23.779	10.935	68.626
Espanhóis.....	7.517	28.980	6.695	8.287	56.572
Portugueses.....	7.976	3.791	6.715	9.41	26.433
Tchecoslovacos.....	1.265	3.065	4.401	5.089	14.420
Russos.....	3.344	2	3.592	547	7.485
Vários.....	4.586	1.291	22.842	2.767	31.486
					1.343

Mas nem mesmo assim se obvia à miséria sempre crescente, posto que nem se aproveitam os 900.000 hectares de terreno ainda inculto em Portugal (J. de C. Pereira, *A Propriedade Rústica em Portugal*), para o emprego de desocupados nem se procura extinguir o analfabetismo, a pesar de não terem colocação milhares de professores primários, para, no caso de a emigração continuar intensiva, ficarem os imigrantes ao abrigo de contingências deprimentes produzidas pela sua ignorância.

E' deficiente, em relação à emigração transoceânica, a emigração por terra para a Europa. As estatísticas oficiais acusam somente estes números:

Brasil, resultante da abundância de braços produzida pelas imigrações as condições de vida, que foram já rasavais em relação a outros países, não se tornando pessimas, como atestam os factos a que, pelo que aos portugueses respeita, fizemos já referência.

O mapa que a seguir inserimos, muitíssimo incompleto dar-nosá hâ entrantemente uma

mão de obra vâo—está desvalorizada, segundo crêmos, devido à constante pressão dos organismos sindicais, que não permitem aos estrangeiros o trabalho por tarifas inferiores aquelas porque trabalham os nacionais.

O mapa que a seguir inserimos, muitíssimo incompleto dar-nosá hâ entrantemente uma

ideia dos salários nas principais capitais de diferentes países. E' bom contudo frisar que os salários em cada país variam dumas localidades em relação às outras e são sempre superiores nas principais cidades, decrescendo sensivelmente nos grandes para os pequenos centros populosos e industriais.

Este mapa, organizado pela R. I. T., é, como se vê, insuficiente, nêle faltando muitas das principais indústrias e podendo estes números estar sujeitos à imprecisão resultante de informações erradas, nem sempre colhidas nas fontes mais autorizadas e seguras.

Isto dizemos por se nos afogar que procedimento idêntico ao dos organismos sindicais portugueses será usado por organismos, de outros países, que não informam directamente aquela. Repartição, intimamente ligada à S. D. N. Assim mesmo permite-nos o confronto do salário médio de uns países em relação aos outros.

Verifica-se, pois, que, pelo que respeita ao trabalho e à mão de obra no mercado francês, a questão, se não está de todo arrumada, vai a caminho de solução.

Resta saber como se regularizará a questão no respeitante a outros países, sobretudo no Brasil, país de maior número de imigrantes portugueses.

E' uma questão bastante complexa para ser resolvida em regime capitalista. Tem-se em conta o que sucede com as migrações dentro do continente.

Até hoje não foi fácil aos rurais, por exemplo, regularizar a mão de obra em regime de concorrência, facto que se observa em todas as regiões agrícolas e sobretudo no Alentejo, com a concorrência dos rurais das duas Beiras, que para lá vêm impelidos pela miséria, pela ignorância e pela falta de organização nas províncias de origem.

E' intuitivo que, como acaba de suceder em França, existindo um forte movimento sindicalista nos países de imigração tornar-se relativamente fácil resistir à concorrência dos preços inferiores da mão de obra estrangeira.

Mas não é menos exacto que se se alarga as portas à concorrência, será difícil estabelecer a correção. Esta correção deverá ser iniciada nos países de emigração intensa.

Sendo Portugal um desses países está naturalmente indicado à organização confederal um intenso trabalho a realizar neste sentido.

A falta de organização, precisamente nas regiões campesinas de população mais densa, em muito dificultará esse trabalho.

Não obstante, não se pode cruzar os braços em face das tormentosas vicissitudes dos emigrantes proletários portugueses nos países em que, por outro lado, vão concorrer com os trabalhadores indígenas, inconscientemente contribuindo para o estabelecimento de condições de trabalho inferiores em benefício do capitalismo internacional.

Este protesto e o eco desse protesto chegarão a Portugal por comunicações diretas e através da imprensa.

Mas ao mesmo tempo que protestou reclamou do governo:

1.º—A instituição dum conselho nacional da mão de obra para o controle regular da imigração em substituição das antigas repartições ministeriais cujo serviço era incompleto e irregular.

2.º—Que a mão de obra estrangeira fosse igual a nacional, quaisquer que fossem as circunstâncias em que a mesma houvesse de ser aceite.

3.º—Que não fosse aceite a mão de obra estrangeira enquanto existissem operários nacionais disponíveis.

Congresso não fornece o mapa de Maio a tempo.

A primeira das suas reclamações parece já ter sido atendida. Por uma informação de Julho do ano corrente sabemos ter-se constituído o Conselho Nacional da Mão de Obra, o qual, na sua primeira reunião, adoptou um projecto de lei que tende a reforçar o controlo dos trabalhadores estrangeiros no primeiro ano da sua permanência em França, a fim de evitar que pela troca injustificada de profissão ou de patrão, se perturbe o mercado do trabalho, tendo também fixado os termos da regulamentação dos serviços de colocação nos municípios e nas repartições departamentais.

Verifica-se, pois, que, pelo que respeita ao trabalho e à mão de obra no mercado francês, a questão, se não está de todo arrumada, vai a caminho de solução.

Resta saber como se regularizará a questão no respeitante a outros países, sobretudo no Brasil, país de maior número de imigrantes portugueses.

E' uma questão bastante complexa para ser resolvida em regime capitalista. Tem-se em conta o que sucede com as migrações dentro do continente.

Até hoje não foi fácil aos rurais, por exemplo, regularizar a mão de obra em regime de concorrência, facto que se observa em todas as regiões agrícolas e sobretudo no Alentejo, com a concorrência dos rurais das duas Beiras, que para lá vêm impelidos pela miséria, pela ignorância e pela falta de organização nas províncias de origem.

E' intuitivo que, como acaba de suceder em França, existindo um forte movimento sindicalista nos países de imigração tornar-se relativamente fácil resistir à concorrência dos preços inferiores da mão de obra estrangeira.

Mas não é menos exacto que se se alarga as portas à concorrência, será difícil estabelecer a correção. Esta correção deverá ser iniciada nos países de emigração intensa.

Sendo Portugal um desses países está naturalmente indicado à organização confederal um intenso trabalho a realizar neste sentido.

A falta de organização, precisamente nas regiões campesinas de população mais densa, em muito dificultará esse trabalho.

Não obstante, não se pode cruzar os braços em face das tormentosas vicissitudes dos emigrantes proletários portugueses nos países em que, por outro lado, vão concorrer com os trabalhadores indígenas, inconscientemente contribuindo para o estabelecimento de condições de trabalho inferiores em benefício do capitalismo internacional.

Este protesto e o eco desse protesto chegarão a Portugal por comunicações diretas e através da imprensa.

Mas ao mesmo tempo que protestou reclamou do governo:

1.º—A instituição dum conselho nacional da mão de obra para o controle regular da imigração em substituição das antigas repartições ministeriais cujo serviço era incompleto e irregular.

2.º—Que a mão de obra estrangeira fosse igual a nacional, quaisquer que fossem as circunstâncias em que a mesma houvesse de ser aceite.

3.º—Que não fosse aceite a mão de obra estrangeira enquanto existissem operários nacionais disponíveis.

Conclusões

1.º—O congresso considera que as migrações são inerentes à própria natureza humana, são úteis como condição vital de expansão das sociedades e dos indivíduos, contribuem para o estreitamento dos laços fraternais e solidários que ligam a espécie.

2.º—Que a mão de obra estrangeira fosse igual a nacional, quaisquer que fossem as circunstâncias em que a mesma houvesse de ser aceite.

3.º—Que não fosse aceite a mão de obra estrangeira enquanto existissem operários nacionais disponíveis.

Conclusões

1.º—O congresso considera que as migrações são inerentes à própria natureza humana, são úteis como condição vital de expansão das sociedades e dos indivíduos, contribuem para o estreitamento dos laços fraternais e solidários que ligam a espécie.

2.º—Que a mão de obra estrangeira fosse igual a nacional, quaisquer que fossem as circunstâncias em que a mesma houvesse de ser aceite.

3.º—Que não fosse aceite a mão de obra estrangeira enquanto existissem operários nacionais disponíveis.

Conclusões

1.º—O congresso considera que as migrações são inerentes à própria natureza humana, são úteis como condição vital de expansão das sociedades e dos indivíduos, contribuem para o estreitamento dos laços fraternais e solidários que ligam a espécie.

2.º—Que a mão de obra estrangeira fosse igual a nacional, quaisquer que fossem as circunstâncias em que a mesma houvesse de ser aceite.

3.º—Que não fosse aceite a mão de obra estrangeira enquanto existissem operários nacionais disponíveis.

Conclusões

1.º—O congresso considera que as migrações são inerentes à própria natureza humana, são úteis como condição vital de expansão das sociedades e dos indivíduos, contribuem para o estreitamento dos laços fraternais e solidários que ligam a espécie.

2.º—Que a mão de obra estrangeira fosse igual a nacional, quaisquer que fossem as circunstâncias em que a mesma houvesse de ser aceite.

3.º—Que não fosse aceite a mão de obra estrangeira enquanto existissem operários nacionais disponíveis.

Conclusões

1.º—O congresso considera que as migrações são inerentes à própria natureza humana, são úteis como condição vital de expansão das sociedades e dos indivíduos, contribuem para o estreitamento dos laços fraternais e solidários que ligam a espécie.

2.º—Que a mão de obra estrangeira fosse igual a nacional, quaisquer que fossem as circunstâncias em que a mesma houvesse de ser aceite.

3.º—Que não fosse aceite a mão de obra estrangeira enquanto existissem operários nacionais disponíveis.

Conclusões

1.º—O congresso considera que as migrações são inerentes à própria natureza humana, são úteis como condição vital de expansão das sociedades e dos indivíduos, contribuem para o estreitamento dos laços fraternais e solidários que ligam a espécie.